



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

"O IDEAL É SAIRMOS PARA O CAMINHO"

NUNO PONTES
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ESPAÇO JACOBEUS

P. 04-05



Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 32902 do Diário do Minho. Não pode ser vendido separadamente.

BREVES

Governo e sector social assinam protocolo de 465 milhões de euros

O Governo português e o sector social assinaram ontem um protocolo, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), que visa investir 465 milhões de euros em respostas para a infância, pessoas com deficiência e idosos.

O presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), padre Lino Maia, falou num marco “importante” para que o setor possa estar “de alma e coração neste designio nacional de construção de um Portugal mais coeso e mais igual”.

“Assumimos responsabilidades que não enjeitamos, porque queremos merecer e estar na história deste desafio”, destacou.

Para o responsável, este protocolo sublinha a importância do sector social, “também ele responsável pelo bem-estar e a protecção social das populações”, e representa um “reconhecimento do espaço e do mérito do sector social e solidário”, que apresentou como “um pilar do Estado Social”.



Papa condena atentado em Bagdade

O Papa Francisco condenou o atentado do auto-proclamado Estado Islâmico que, esta segunda-feira, causou a morte a mais de 30 pessoas junto a um mercado em Bagdade.

“Sua Santidade ficou profundamente entristecido ao saber da notícia da perda de vidas na explosão no mercado al-Wuhailat em Bagdade e envia as suas condolências aos familiares e amigos dos que morreram”, refere o texto, enviado através do secretário de Estado do Vaticano, cardeal Pietro Parolin.

O Papa reza para que “nenhum ato de violência enfraqueça os esforços daqueles que estão empenhados em promover a reconciliação e a paz no Iraque”.

Francisco visitou o país em março deste ano, na sua primeira viagem internacional desde o início da pandemia.



OPINIÃO

“A amizade é um amor que nunca morre”



CARLA RODRIGUES

ADVOGADA

Entre as memórias mais queridas que guardamos ao longo da vida, aquelas que nos aquecem o coração e nos despertam risos e saudades, estão os momentos passados com os amigos. Os disparates bons feitos em nome da amizade, as brincadeiras inocentes de quem gosta de viver no limite traçado pela autoridade dos pais: desde tocar às campainhas e fugir, saltar os muros em busca de fruta e castanhas nos terrenos alheios, pedir à mãe para dormir na casa da amiga como desculpa para poder sair, fazer de cupido para as amigas. Doces e preciosas amizades!

Na infância e juventude tudo parece possível, os sonhos parecem estar logo ali ao virar da página, tão fáceis de alcançar. Os amigos vão se multiplicando e vão sonhando connosco. Num ápice os sonhos passam a ser de todos, as vitórias e derrotas passam a ser colectivas, como que seguindo o lema dos Mosqueteiros “um por todos e todos por um!”. A verdade

é que na infância não nos levamos muito a sério, somos muito descomplicados, o que é bom, e desta forma, fácil e ligeira, aprendemos a criar laços de amizade, a preservar, a proteger, a cuidar dos amigos como quem cuida de um bem muito precioso.

Há amigos que ficam para sempre, das carteiras da escola até velhinhos, conhecem os defeitos e as qualidades uns dos outros, vão se zangando por disparates, alegram-se com as vitórias e choram com os desgostos do outro. Estão lá, de pé ou de joelhos, inteiros ou dilacerados, mas heróicos e resilientes em nome da amizade, sempre sob o lema do respeito e lealdade, sem esquecer algumas pitadas (que se querem fortes) de sentido de humor e as gargalhadas que se vão soltando de forma prazerosa, condimentos certos para uma boa relação duradoura.

A amizade figura entre o mais importante que temos na vida. Na amizade verdadeira há partilha, há companhia, há entusiasmo e altruísmo. Com os amigos aprendemos a ser mais generosas, mais atentos, melhores ouvintes e melhores pessoas. Alguns são de toda a vida, outras são recentes mas que rapidamente conquistaram um lugar cativo no nosso afecto. Há amigos que ficam, há outros que vão. Há amigos que conhecem a nossa alma e nós conhecemos a deles. Há amigos com quem rimos, choramos, rezamos e

celebramos, que se tornam família, que não traem, amigos que são amores que nunca morrem.

Como canta Martinho da Vila, “já tive mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores. Com uma até certo tempo fiquei, pra outras apenas um pouco me dei. Já tive mulheres do tipo atrevida, do tipo acanhada, do tipo vivida, casada carente, solteira feliz, já tive donzela e até meretriz”. A amizade é assim, há de todos os tipos, “amigos de todas as cores, de várias idades, de muitos amores”. Desde o falador ao ouvinte, do descomplicado ao eternamente preocupado, do trabalhador ao aventureiro, do que vê o copo meio-cheio ao que o vê o copo meio-vazio. Amigos com quem nos sentamos a assistir a um qualquer pôr-do-sol e a beber um copo de vinho enquanto a conversa flui naturalmente, horas a fio.

Falar de amigos no século XXI é falar também das redes sociais. Aqui a cautela deve ser redobrada, de forma especial se estivermos perante desconhecidos! Podem surgir relações verdadeiras de amizade, mas todos sabemos que através de um teclado cada um pode ser o que quiser ser, um charlatão e um criminoso podem se apresentar, facilmente, com vestes de cordeiro.

Os bons amigos são um luxo! Valem milhões! E todos temos alguns, e todos temos tanto a agradecer-lhes! Obrigada!





PAPA FRANCISCO

18 DE JULHO 2021 · Só o coração que não se deixa levar pela pressa é capaz de se comover, isto é, de não se deixar levar por si mesmo e pelas coisas a serem feitas e de perceber os outros, suas feridas, suas necessidades. A compaixão nasce da contemplação. #EvangelhodeHoje Mc 6,30-34

VERÃO

Papa Francisco aconselha a “parar, calar, rezar”

O Papa afirmou este domingo, dia 18, no Vaticano, que o Verão deve ser uma oportunidade de “parar, calar, rezar” e alertou para o perigo de “passar da correria do trabalho para a das férias.

O pontífice aconselhou, antes da oração do ângelus, a haver cuidado com o “eficientismo” e a parar “a corrida frenética ditada pelas nossas agendas”, a aprender a parar e a “desligar o telemóvel, a contemplar a natureza, a regenerar-nos no diálogo com Deus”.

De regresso ao Palácio Apostólico após a operação de 4 de Julho e o consequente internamento, Francisco sublinhou a importância do descanso, que Jesus recomendou aos seus próprios discípulos, para combater o “cansaço físico e interior”. O Papa explicou que Jesus quer alertar os discípulos “de um perigo, que sempre está à espreita, também para nós: deixar-se cair no frenesim do fazer, cair na armadilha do ativismo, onde o mais importante são os resultados que obtemos e sentir-se protagonistas absolutos”.

Francisco recomendou ainda um descanso que chegue ao “coração” e acrescentou que não basta “«desligar», é preciso descansar de verdade” e que, a partir deste “coração sem pressa”, é possível viver com atenção aos outros, às suas feridas e necessidades, porque “a compaixão nasce da contemplação”.

O Papa lamentou também que muitos vivam numa atitude “voraz, de quem quer possuir e consumir tudo”, e disse que é precisa uma “«ecologia do coração», feita de descanso, contemplação e compaixão”.



OPINIÃO

A gralha



JORGE VILAÇA

PADRE

1 Numa determinada igreja da nossa diocese, numa bela decoração com finalidade catequética, foram fixadas as 14 obras de misericórdia, 7 corporais e 7 espirituais. Na penúltima (espiritual) escreveram: sofrer com paciência as franquezas (teoricamente seria fraquezas) do nosso próximo. Naturalmente foi nessa linha que se fixou o meu olhar. Vi-lhe não somente o erro tipográfico mas procurei o alcance do complemento. E veio-me à memória um texto do mestre Bernard Häring. Permitam-me revisita-lo longamente.

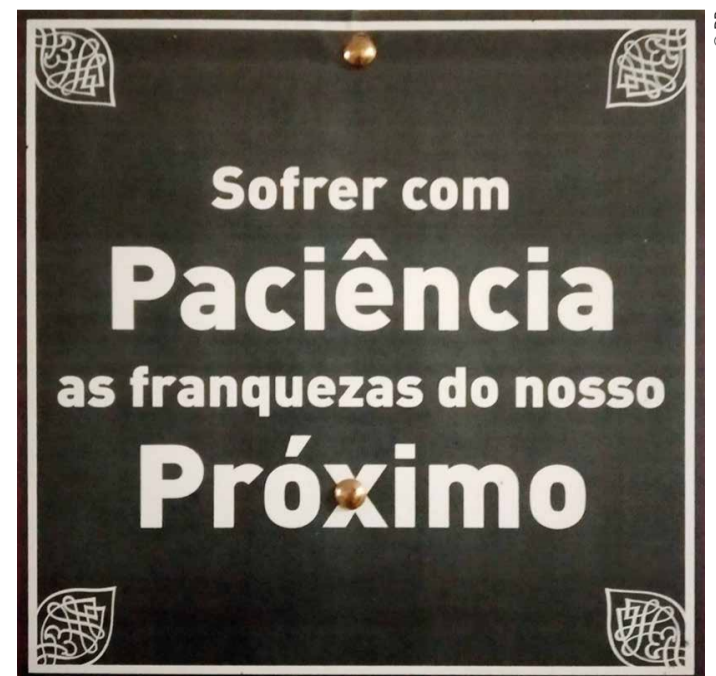
2. Depois de considerar Jesus Cristo a personificação insuperável da franqueza amorosa, escreve Häring: “Devemos considerar-nos, sobretudo, homens à procura da verdade. E isto só é possível se o fizermos em solidariedade com todos os que, do mesmo modo, procuram a verdade” (...) A virtude da franqueza não nos permite perguntar se a nossa vivência e a nossa prática da verdade salvífica nos beneficia ou nos prejudica. O critério decisivo é saber se ela serve para a salvação de todos (...) a coragem de dizer sinceramente aquilo que, de acordo com a sua melhor ciência e conhecimento, convém mais ao reino da verdade, da paz e da justiça”. Referindo-se a Gandhi e à sua satyagrahi (aquele que se entregou à verdade salvífica e se deixou conquistar por ela) escreve Häring: “O verdadeiro satyagrahi não se separa jamais daqueles que procuram a verdade, mantendo sempre os ouvidos em alerta e os olhos bem atentos ao contributo que os outros,

mesmo os ‘adversários’, podem aportar à verdade. Toda a possível hostilidade desaparecerá, logo que o suposto adversário se dê conta de que também o seu grãozinho de verdade é tido em conta, é apreciado e utilizado na procura do melhor e do mais certo. A ponte que nos põe em comunicação com o adversário é, segundo Gandhi, o ahimsa, isto é, a nossa identificação amorosa com o nosso interlocutor, mesmo quando ele nos contradiz ou é para nós agressivo. O satyagrahi ajuda o seu interlocutor, mesmo quando adversário, a ser mais genuinamente franco graças a essa perceptível solidariedade na procura e na prática da verdade. A franqueza dos satyagrahi não humilha nem avilta o interlocutor. A clara antecipação de confiança sentida por este infunde-lhe coragem para procurar, dizer e praticar mais livremente a verdade (...) Aquelle que é verdadeiramente franco não é um obstinado fanático da verdade. Ele ama a Deus, fonte de toda a verdade, e está perfeitamente consciente de que tanto a virtude da solidariedade com os companheiros de viagem, como o dizer e praticar a verdade, são absolu-

tamente necessários. Por isso, ama e respeita profundamente cada um dos seus interlocutores e companheiros de viagem, mesmo quando, às vezes, estes dão a impressão de se portarem como inimigos. Ele age assim por estar convencido de que a verdade, que vem do amor e só o amor quer servir, ao fim e ao cabo, vencerá”

3. “O erro tipográfico é algo maligno: / Procura-se e persegue-se mas sempre se escapa. // Enquanto a forma está na máquina esquiva-se, / Esconde-se nos cantos, parece que sustém a respiração. // Ao início nem sequer o microscópio consegue avistá-lo; / Depois transforma-se num elefante. // O pobre tipógrafo aterroriza-se e treme / E o culpável corretor baixa a cabeça e lamenta-se, // Ainda que toda aquela obra seja perfeita, / Olha-se com amargura somente aquele defeito” (“A gralha”, autor desconhecido, em tradução livre do italiano).

4. O título destas linhas queria ser: porque se divulgam ostensivamente os números da nossa solidariedade para com os mais pobres? A minha fraqueza: estou ainda parado na “galha”. A minha franqueza: será pela transparência.



ENTREVISTA

"FORAM 11 ANOS DE ESPERA"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

NUNO PONTES É O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ESPAÇO JACOBEOUS, GRUPO QUE DESDE 2004 SE CENTRA NA INFORMAÇÃO E PREPARAÇÃO DE PEREGRINOS QUE SE DIRIGEM A SANTIAGO DE COMPOSTELA. ÀS PORTAS DO DIA DE SÃO TIAGO MAIOR, QUE SE CELEBRA ESTE DOMINGO, NO PRIMEIRO ANO JACOBEO DESDE 2010, FALOU COM O IGREJA VIVA PARA EXPLICAR O QUE HÁ DE ESPECIAL NESTE ANO E NO CAMINHO ATÉ COMPOSTELA.

[Igreja Viva] Está-se a aproximar o dia da festa de São Tiago Maior, 25 de Julho, que volta a celebrar-se a um domingo, o que significa que estamos num Ano Jubilar Compostelano – também conhecido como Ano Jacobeu – desde 31 de Dezembro. O que há de especial num ano destes?

[Nuno Pontes] O que há de especial é que quando o dia de São Tiago Maior calha a um domingo temos precisamente a abertura da Porta Santa, que foi a 31 de Dezembro, e durante esse ano temos acesso a uma benesse a que habitualmente não temos. A abertura da Porta Santa, que fica nas traseiras da Catedral de Santiago, e que segundo os pressupostos da Catedral e do Papa, quem passa por essa porta nesse ano recebe uma indulgência, vê os pecados perdoados. Daí essa importância e a tradição que existe na ida a Santiago em ano jubilar. Há vários pressupostos, contudo: fazer a peregrinação, confessar-se, participar na missa, comungar, passar pela Porta Santa. Também há três datas importantes que são celebradas em Santiago. Uma é o 23 de Maio, que é o dia da

Aparição do apóstolo São Tiago na Batalha de Clavijo, uma batalha da Reconquista contra os muçulmanos nos arredores de Madrid, inculcando maior fervor às hostes cristãs. Temos o 25 de Julho, em que se assinala a morte de São Tiago Maior, e o 30 de Dezembro, que é o dia da transladação. Santiago morre em Jafa e o corpo, reza a lenda, foi trazido numa barca de pedra pelo Mediterrâneo até Padrón. Depois há uma série de peripécias com os povos dali, com a Rainha Lupa inicialmente a não permitir o enterro de Tiago naquela zona. Foi construída uma primeira capela e depois, com as invasões bárbaras e muçulmanas na Península Ibérica, o corpo ficou desaparecido bastante tempo – só reapareceu no século IX. Nessa altura foi trasladado para onde é actualmente Santiago de Compostela.

[Igreja Viva] A última vez foi em 2010 e, para além disso, este Ano Jacobeu vai incluir também todo o ano de 2022. Este Ano Jacobeu é mais especial, tem um sabor diferente de outros?

[Nuno Pontes] Tem precisamente por isso, porque fo-

ram 11 anos de espera. Esquecendo um pouco a pandemia, o Caminho de Santiago vinha em crescendo e ia atingir números muito superiores ao Ano Jacobeu de 2010. Todos os anos se batia o recorde anterior e o Caminho Português já era o segundo mais percorrido. Com a pandemia, houve uma grande diminuição, claro, mas a importância deste ano está ligada precisamente a isso, aos 11 anos de espacamento, de espera. Da próxima serão apenas seis anos, por isso o impacto será menor – apesar de a pandemia também levar mais gente, penso eu, a percorrer o itinerário, nem que seja pelo ar livre e pelo contacto com a natureza e porque as pessoas estão cheias de estar em casa e querem sair.

[Igreja Viva] Mais gente, mas não tanta como o normal?

[Nuno Pontes] Sim, não tanta gente como seria expectável noutro ano, mas já estamos a ver números satisfató-

rios face à situação. Já conseguimos notar um aumento de peregrinos.

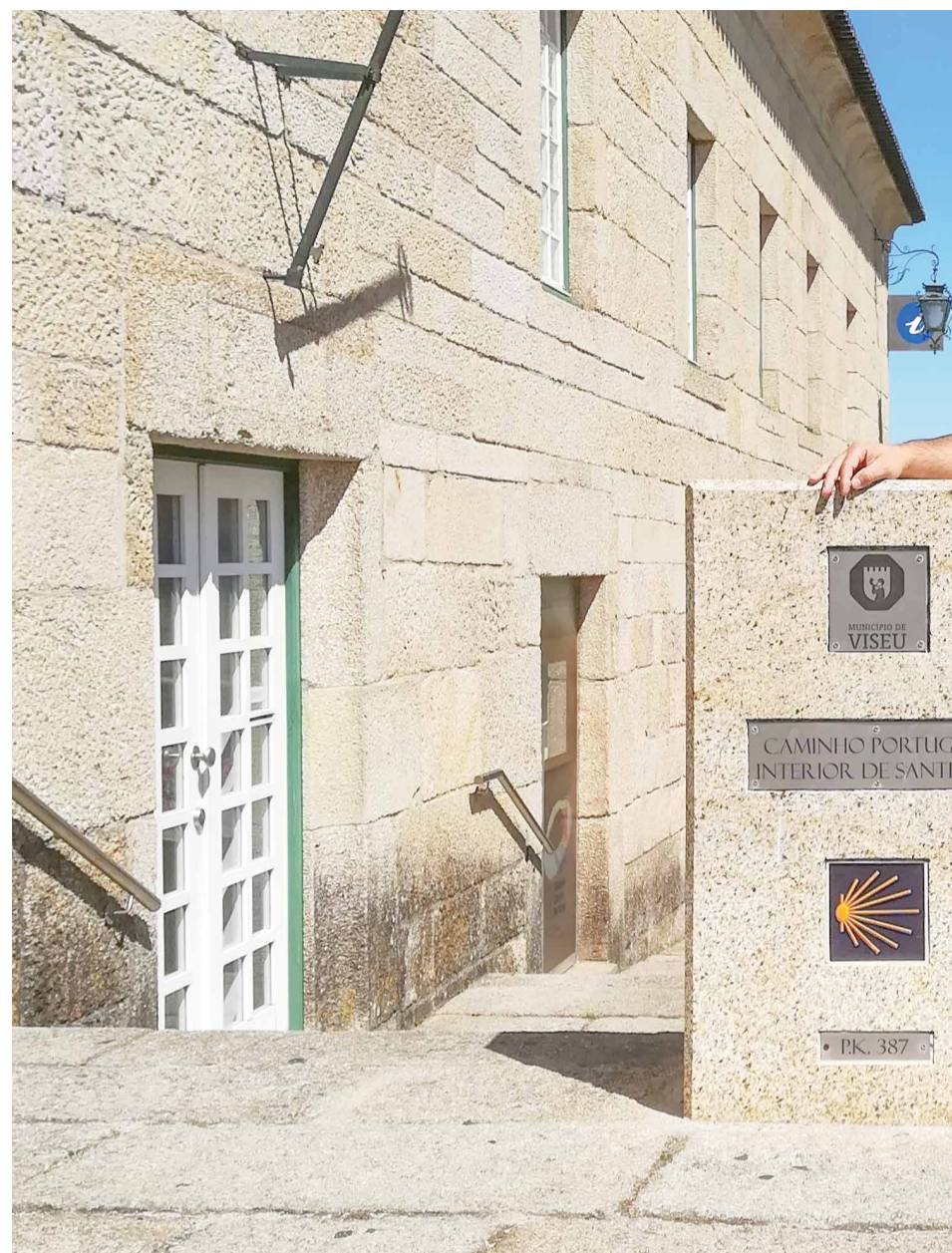
[Igreja Viva] O que é que o atraiu, o puxou, para fazer o Caminho da primeira vez?

[Nuno Pontes] A primeira vez que fui a Santiago talvez tenha sido em 1993, um Ano Jacobeu, e talvez o primeiro em que houve uma grande divulgação do Caminho de Santiago aqui em Portugal. Eu fui em visita a Santiago, de carro, ainda era novo. Talvez por ter visto a chegada dos peregrinos e por ter cumprido o ritual de passagem na Porta Santa – e na altura ainda se podia entrar pelo Pórtico da Glória, na fachada principal, e colocar a mão na coluna de pedra, o que agora não se pode fazer –, talvez isso tudo me tenha puxado para um dia percorrer o Caminho. Essa ida foi-se sempre adiando porque eu desconhecía muita coisa e não queria ir sozinho, estava sempre à espera de um amigo. É o maior erro que se

pode cometer. Se estamos à espera do amigo, nunca saímos do sítio. O ideal é sairmos para o Caminho, e certamente encontrarão muitos amigos. Foi o que aconteceu. Após várias tentativas de formar um grupo, há uma altura em que um grupo de amigos do trabalho decidiu ir e eu fui acompanhá-los. Foi aí que conheci a Associação Espaço Jacobeus, quando fomos adquirir as credenciais para o Caminho – isto numa quinta-feira, vésperas do dia de Santiago –, na sexta-feira seguinte fui assistir a uma palestra e no sábado estava a fazer a etapa Guimarães - Braga e no domingo Braga - Ponte de Lima. Foi uma estadia intensa, logo, e nunca mais parei. Entretanto tornei-me associado, entrei para a direcção e mais tarde candidatei-me à presidência. Foi assim que tudo começou.

[Igreja Viva] Já fez o Caminho mais que uma vez, então?

[Nuno Pontes] Já fiz mais que uma vez, e vários percursos.





© DR



Naquela última etapa, o sentimento entre a maioria dos peregrinos é que é o dia mais triste, porque no dia seguinte já regressam. E, por incrível que possa parecer, no dia seguinte, o corpo pede Caminho!

[Igreja Viva] Ia-lhe perguntar exactamente isso, que percursos é que já fez?

[Nuno Pontes] Da primeira vez saí aqui de Guimarães, da segunda vez também. Já fiz o Caminho Português da Costa, o Caminho de Finisterra [Fisterra/Muxía] e o Caminho Português com a Variante Espiritual – que, à saída de Pontevedra, segue pela costa da Galiza.

[Igreja Viva] O que há de diferente em cada um, para além dos locais e paisagens?

[Nuno Pontes] As próprias pessoas. Todos os percursos são diferentes, em parte pela paisagem, mas também pelas pessoas que nos acompanham e que vamos encontrando pelo Caminho. Já travei amizades com peregrinos de várias partes do mundo, e é isso que nos fica. Ver um coreano, um canadiano, um alemão, em Portugal, a percorrer o Caminho de Santiago, é algo estranho, ainda mais quando os encontramos em percursos que, cá, não são conhecidos. O que é que moveu esta pessoa do outro lado do mundo, às vezes, a estar aqui? Em Finisterra conheci uma peregrina canadiana que já vinha desde Lisboa, e que já não era a primeira vez que o fazia. São essas vivências que nos ficam, conhecer peregrinos que andam mais de um mês, que enfrentam as adversidades de o fazer...

[Igreja Viva] Ao falar disso fez-me recordar de um peregrino que começou o percurso em Assis, na Itália, seguiu até Lourdes, na França, depois entrou em Espanha pelo Caminho Francês até Santiago de Compostela e ainda seguiu até Fátima. Há quem faça percursos bastante longos no Caminho.

[Nuno Pontes] Cá em Portugal conheço principalmente um peregrino, o Carlos Rios, que praticamente vive no Caminho e faz sempre Fátima - Santiago e Santiago - Fátima, e por vezes outros percursos. Algumas pessoas fazem estes percursos mais longos...

[Igreja Viva] O percurso mais conhecido ainda é o Caminho Francês?

[Nuno Pontes] Sim, o mais conhecido a nível mundial é o Francês. Depois talvez seja o português, em parte pela influência do Aeroporto Sá Carneiro, no Porto, que facilita a chegada de peregrinos de vá-

rias partes do mundo que conseguem chegar a Santiago numa semana, 9 dias, e torna-se fácil tirar duas semanas de férias para isso. Em Portugal o mais conhecido é o Caminho Central, que sai do Porto – isto é, já há marcações desde Faro, mas a maior parte das pessoas saem do Porto e seguem por Barcelos e Ponte de Lima até Santiago. Depois do Central estará o da Costa, que muita gente escolhe para ter um contacto mais directo com o mar, apesar do percurso não se fazer mesmo na linha costeira, só em alguns pontos. Na Associação tentamos fazer a divulgação dos percursos e acreditamos que os peregrinos podem querer experimentar percursos diferentes e variantes diferentes de cada vez que faz o Caminho.

[Igreja Viva] Como é que vão surgindo estes percursos novos?

[Nuno Pontes] Já por causa disso, para evitar o surgimento de qualquer percurso, existe um decreto-lei que prevê a protecção dos caminhos, da sinalética e que criou uma Comissão de Certificação do Caminho de Santiago. O primeiro pressuposto é a historicidade do percurso, tem que haver alguma base histórica sobre aquele percurso ser feito até Santiago com a intenção de peregrinar – porque também havia as rotas comerciais. Um exemplo é o Caminho da Geira, ligado a outras vertentes, uma das quais a de São Rosendo – um santo de Santo Tirso que foi bispo em Santiago e que morreu em Celanova, do qual muitos peregrinos conheciam a história e faziam o percurso entre os dois locais e depois por Ourense até Santiago. Ou seja, tem que haver provas históricas para reavivar alguns percursos. Nós procuramos alertar os municípios para o perigo de haver imensos caminhos que poderiam ter que ser sinalizados. Temos que ter cuidado com a sinalética que colocamos, apesar de serem conhecidas a vieira e a seta amarela, porque por vezes até para pessoas da área se torna difícil perceber por onde se deve seguir e temos que pensar que o peregrino não volta se tiver uma má experiência, muito menos se for estrangeiro. O peregrino volta a casa e conta a sua experiência, se for boa até pode regressar com amigos e causar esse efeito multiplicador,

se for má, não. É preferível ter um bom placar informativo na entrada das localidades com a informação do percurso e de potenciais pontos de interesse e apoio. Por vezes, por interesses económicos, alteram-se os sinais, e criam-se problemas, e em vez de atrair as pessoas, afastamos. É preciso acolher bem os peregrinos, zelar pela segurança deles.

[Igreja Viva] Esse é o trabalho de uma associação como a Espaço Jacobeus, então, preservar o Caminho e zelar pelos peregrinos?

[Nuno Pontes] Sim. Nós fazíamos a remarcação do Caminho – ou seja, avivar setas para que se mantenham visíveis –, mas temos que ter cuidado porque a lei diz que apenas entidades reconhecidas o podem fazer, e a autarquia local pode ter indicado uma alteração por algum motivo específico e justificado e nós não sabemos disso. O que fazemos é a divulgação do Caminho de Santiago, a disponibilização da Credencial do Peregrino, realizávamos o chamado Ponto de Encontro de Peregrinos nas nossas delegações espalhadas um pouco por todo o país, assim como tertúlias e debates, esclarecemos as dúvidas dos peregrinos sobre diferentes percursos e as necessidades de cada um nas diferentes alturas do ano. Também mantemos contacto com os albergues, até porque podemos saber de um peregrino com alguma necessidade especial e assim sabemos indicar onde poderá ter lugar, ou quem contactar para ter essa informação.

[Igreja Viva] Porquê fazer o Caminho mais que uma vez?

[Nuno Pontes] Muitas vezes, na chegada a Santiago, naquela última etapa, o sentimento entre a maioria dos peregrinos é que é o dia mais triste, porque no dia seguinte já regressam. E, por incrível que possa parecer, no dia seguinte, o corpo pede Caminho! O corpo habituou-se àqueles dias de caminhada e quer mexer-se. Isso também atrai as pessoas a repetir. Mesmo que percorra sempre o mesmo caminho, vai-se encontrar alguma coisa diferente, pessoas diferentes. E também tem que ver com a disposição com que a pessoa vai, que muda conforme a nossa vida, também.

“Eu sou o pão da vida”

XVIII DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Um arranjo diante do altar incluirá a apresentação de um pão e uma candeia/candelabro.

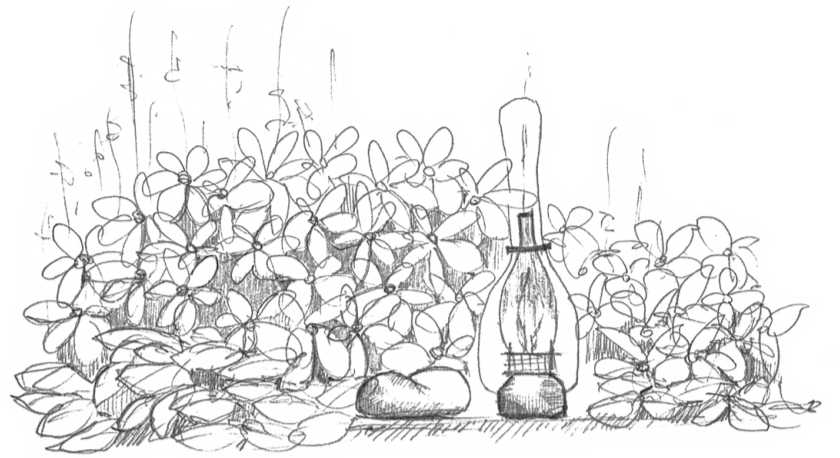


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Ex 16, 2-4.12-15

Leitura do Livro do Êxodo

Naqueles dias, toda a comunidade dos filhos de Israel começou a murmurar no deserto contra Moisés e Aarão. Disseram-lhes os filhos de Israel: “Antes tivéssemos morrido às mãos do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados ao pé das panelas de carne e comíamos pão até nos saciarmos. Trouxestes-nos a este deserto, para deixar morrer à fome toda esta multidão”. Então o Senhor disse a Moisés: “Vou fazer que chova para vós pão do céu. O povo sairá para apanhar a quantidade necessária para cada dia. Vou assim pô-lo à prova, para ver se segue ou não a minha lei. Eu ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Vai dizer-lhes: «Ao cair da noite comereis carne e de manhã saciar-vos-eis de pão. Então reconheceréis que Eu sou o Senhor, vosso Deus»”. Nessa tarde apareceram codornizes, que cobriram o acampamento, e na manhã seguinte havia uma camada de orvalho em volta do acampamento. Quando essa camada de orvalho se evaporou, apareceu à superfície do deserto uma substância granulosa, fina como a geada sobre a terra. Quando a viram, os filhos de Israel perguntaram uns aos outros: “Man-hu?”, quer dizer: “Que é isto?”, pois não sabiam o que era. Disse-lhes então Moisés: “É o pão que o Senhor vos dá em alimento”.

Salmo responsorial

Salmo 77 (78), 3.4bc.23-24.25.54 (R. 24b)

Refrão: O Senhor deu-lhes o pão do céu.

LEITURA II Ef 4, 17.20-24

Leitura da Epístola

do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos: Eis o que vos digo e aconselho em nome do Senhor: Não torneis a proceder como os pagãos, que vivem na futilidade dos seus pensamentos. Não foi assim que aprendestes a conhecer a Cristo, se é que d'Ele ouvistes pregar e sobre Ele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus. É necessário abandonar a vida de outrora e pôr de parte o homem velho, corrompido por desejos enganadores. Renovai-vos pela transformação espiritual da vossa inteligência e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus na justiça e santidade verdadeiras.

EVANGELHO Jo 6, 24-35

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, quando a multidão viu que nem Jesus nem os seus discípulos estavam à beira do lago, subiram todos para as barcas e foram para Cafarnaum, à procura de Jesus. Ao encontrá-lo no outro lado do mar, disseram-Lhe: “Mestre, quando chegaste aqui?”. Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: vós procurais-Me, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará. A Ele é que o Pai, o próprio Deus, marcou com o seu selo”. Disseram-Lhe então: “Que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?”. Respondeu-lhes Jesus: “A obra de Deus consiste em acreditar n'Aquele que Ele enviou”. Disseram-Lhe eles: “Que milagres fazes Tu, para que nós vejamos e acreditemos em Ti? Que obra realizas? No deserto os nossos pais comeram o maná, conforme está escrito: «Deu-lhes a comer um pão

que veio do Céu». Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do Céu; meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do Céu. O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo”. Disseram-Lhe eles: “Senhor, dá-nos sempre desse pão”. Jesus respondeu-lhes: “Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede”.

REFLEXÃO

O alimento serve para colocar a questão de fundo sobre a confiança em Deus. Jesus Cristo convida a multidão a repensar o caminho da fé. E apresenta-se a si próprio como “o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede”.

“Nunca mais terá fome”

O discurso sobre o pão da vida (no sexto capítulo do Evangelho segundo João) é composto por um conjunto de diálogos, cada um deles mais denso que o anterior, para aprofundar o sentido da multiplicação dos pães como símbolo da Eucaristia. O trecho selecionado para o Décimo Oitavo Domingo (Ano B) é introduzido pelo desejo desmedido da multidão em encontrar Jesus Cristo. Uma busca interesseira que o Mestre orienta para a fé no “alimento que dura até à vida eterna”. Aquela gente procurava Jesus Cristo porque queria mais pão, alimento material; o Mestre desafia a desejar o alimento espiritual. Jesus Cristo parte do (acontecimento) visível para sugerir o (dom) invisível. A revelação surge no final: “Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede”. Há um alimento que perece (em pouco tempo) e outro que perdura (até à vida

eterna). Há duas dimensões da nossa existência: a material (que perece) e a espiritual (que é eterna). Que tipo de alimento (mais) procuramos? O foco exagerado nos benefícios imediatos pode privar-nos de perceber o que é mais importante, a única realidade que a tudo garante sentido: a vida que Deus nos dá através de Jesus Cristo, dádiva essa que recebemos pela comunhão do pão consagrado na Eucaristia. É o pão da vida. Supera o pão que procede dos grãos de trigo e até o alimento que caiu do céu, aquando da travessia do deserto (na primeira leitura). O pão eucarístico é puro dom; é pão que “desce do Céu para dar a vida ao mundo”, para fortalecer a vida espiritual. Não é fruto da generosidade humana; é exclusivo dom de Deus. A Eucaristia ultrapassa os nossos méritos com a super-abundância da gratuidade divina. Deus é o anfitrião. Prepara para nós uma refeição. O determinante é o que Deus faz para nós. Da nossa parte, o decisivo é permitir-se ser inundado pela graça de Deus. Quem se dispõe a acolher esse dom, “quem vem a Mim” - diz Jesus Cristo, “nunca mais terá fome”.

Banquete celestial

A Eucaristia é memória do passado e atualização presente do mistério pascal, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. A eucaristia é também evocação do futuro, abertura à eternidade. Antecipa o banquete celestial. Somos peregrinos a caminho da casa do Pai que vem ao nosso encontro. O compromisso dos peregrinos é chegar à meta, não ficar entretidos pelo caminho ou muito menos, perdidos, desviarem-se do itinerário. A participação na Eucaristia infunde em nós o desejo da vida eterna, agora pela transformação espiritual, de modo a ver o ‘rosto’ de Deus. Não vamos à eucaristia para oferecer algo a Deus. Vamos à Eucaristia,



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações presidenciais do domingo XVIII do Tempo Comum (*Missal Romano*, 412)

Prefácio: Prefácio da Oração Eucarística II (*Missal Romano*, 523)

Oração Eucarística: Oração Eucarística II (*Missal Romano*, 524ss)



SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Nesta semana, procuremos ser pão uns para os outros, realizando um gesto concreto de partilha de bens com aqueles que menos têm. Ou, então, vamos entrar no dinamismo da fazer uma visita, de forma criativa, aos nossos avós ou a algum idoso que esteja mais isolado, sendo para eles sinal do alimento que só Cristo oferece.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** Caminhamos na alegria – H. Faria

– **Apresentação dos dons:** Abriu o Senhor as portas do céus – Az. Oliveira

– **Comunhão:** Ó Senhor, dá-me o Teu pão – H. Faria

– **Final:** Vamos em paz e alegria – Az. Oliveira

como famintos, para sermos saciados. É Jesus Cristo quem o promete: “nunca mais terá fome... nunca mais terá sede”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

“Quem vem a mim nunca mais terá sede”. O acólito é aquele que segue, que vai a Jesus. Ele vai e vem na celebração não por utilitarismo, mas movido pela sede de Deus. Ele vai ao altar como quem se aproxima da água viva, ao ambão sedento da Palavra de Deus e comunga como quem vai à fonte. Pelo seu testemunho do desejo de Deus, ele transmite aos outros o mesmo desejo de ir ao encontro do Mestre que sacia a nossa sede.

Leitores

É frequente associar a alimentação corporal à alimentação espiritual. O povo diz, por exemplo, “Quem dá o pão dá a educação”. O Pão de Deus é o que desceu do Céu. Todavia, este Pão descido do Céu não é o Maná do deserto: é o Verbo de Deus feito carne no seio da Virgem Maria. Assim, o

leitor, ao proclamar a Palavra, não está apenas a instruir com enunciados de fé, está a nutrir a assembleia distribuindo o Pão de Deus.

Ministros Extraordinários da Comunhão

“Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará”. Este poderia ser o lema de vida do MEC. O MEC é aquele que trabalha pelo Pão da vida dado pelo Filho do Homem. A Moisés perguntavam: “O que é isto?” Ele respondia: “É o pão que o Senhor vos dá em alimento”. Este diálogo encontra a sua plenitude na Comunhão do Corpo de Cristo.

Músicos

Na Eucaristia, há quatro momentos processionais: a procissão de entrada, a do evangeliário, a dos dons e a da comunhão. O cântico final só excepcionalmente é processional. Enquanto nas outras procissões são sobretudo os ministros que “processionam”, na comunhão é sobretudo a assembleia. Tendo isso em conta, a música deve ajudar a perceber que “O Pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo”.

Celebrar em comunidade

Homilia

1. Com Jesus Cristo no centro da nossa vida não mais teremos fome ou sede, porque o alimento que Ele nos dá é a sua presença constante, nunca nos deixado sós.
2. Procuremos Jesus, não à espera de milagres extraordinários, mas no ordinário da nossa vida onde Ele se manifesta de modos que por vezes nos passam completamente despercebidos.
3. Comungar Jesus é ter em nós um grande dom, que só o é se o partilharmos com os outros. Saibamos abrir o nosso coração às necessidades daqueles que nos rodeiam. Só assim faz sentido dizer que somos cristãos.

Oração Universal

Irmãos e irmãs em Cristo: nós, que fomos revestidos do homem novo, peçamos humildemente ao Pai celeste que nos torne dignos dessa graça, dizendo, com fé:

R. Deus onipotente, vinde em nosso auxílio.

1. Pelos fiéis e pastores de todas as comunidades, para que se renovem e anunciem Jesus Cristo, como fonte de luz e santidade, oremos.

2. Pelos que pensam demasiado nos bens do mundo, para que trabalhem não tanto pela comida que perece, mas pelo alimento que dura até à vida eterna, oremos.

3. Pelos homens e mulheres que não são respeitados na sua fé, consciência e liberdade, para que se sintam libertos por Deus das mãos dos seus perseguidores, oremos.

4. Pelos cristãos que se uniram em matrimónio, para que manifestem, no seu modo de viver, o mistério do amor de Cristo pela Igreja, oremos.

5. Pelos membros da nossa assembleia, para que os benefícios oferecidos pela bondade de Deus nos levem a amá-l'O com todo o nosso coração, oremos.

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

“Eu sou o pão da vida:
quem vem a mim nunca
mais terá fome”

DÉCIMO OITAVO DOMINGO
ANO B · 2021



LABORATORIODAFE



ACB PROMOVE CONVERSA SOBRE "A PASSAGEM A VAU DO RIO CÁVADO NO CAMINHO PORTUGUÊS DE SANTIAGO"



No próximo sábado, dia 24 de Julho, pelas 17h00, a Associação ACB – Albergue Cidade de Barcelos promove uma conversa informal em directo nas redes sociais sobre "A passagem a vau do Rio Cávado no Caminho Português de Santiago". A sessão acontece em parceria com a BARCA – Associação

Amigos do Cávado e a Delegação de Barcelos da Associação Espaço Jacobeus.

Mais informações sobre o evento estão disponíveis na página de Facebook da ACB. Também pode utilizar o endereço geral@alberguedebarcelos.com para mais esclarecimentos.

SEMINÁRIO CONCILIAR MARCA 450 ANOS EM 2022

O Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo, em Braga, vai celebrar, em 2022, os 450 anos desde a chegada dos primeiros estudantes, em 1572. Na homilia de D. Jorge Ortiga na eucaristia de domingo na Cripta do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro – onde foram ordenados quatro novos sacerdotes –, a Arcebispo de Braga anunciou que "as equipas dos nossos Seminários irão preparar um programa para uma celebração condigna". O Seminário Conciliar foi fundado por São Bartolomeu dos

Mártires após regressar do Concílio de Trento. Após o início das obras, em 1571, na zona do Campo da Vinha, em Braga, recebeu os primeiros estudantes no ano seguinte, 1572, apesar de o edifício ainda estar por concluir. O Seminário mudou-se para o actual local, o antigo colégio dos Jesuítas, em 1881. Entre 1934 e o início do novo milénio funcionou no edifício da Rua de Santa Margarida onde hoje estão a Faculdade de Teologia da Universidade Católica e o Seminário Interdiocesano de São José.

AGENDA Viva

22 JUL

MUSEU D. DIOGO DE SOUSA
ENCONTROS NO MUSEU: UM ARQUEÓLOGO EM BRACARA
AGUSTA
15H30

29 JUL

ESPAÇO VITA
FESTIVAL INTERNACIONAL DE TROMBONE

31 JUL

THEATRO GIL VICENTE (BARCELOS)
LUÍSA SOBRAL
21H00

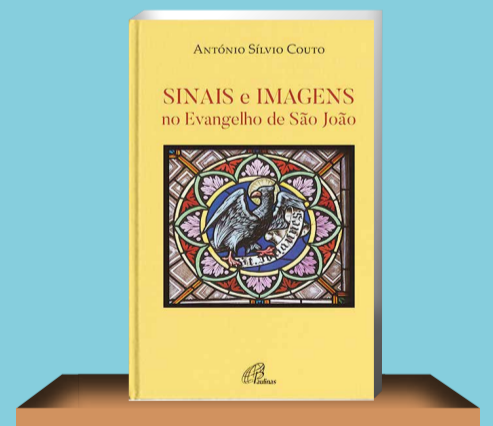
LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

13,5€

SINAIS E IMAGENS NO EVANGELHO DE SÃO JOÃO

ANTÓNIO SÍLVIO COUTO



O padre Sílvio Couto, a partir da sua experiência e sensibilidade de Pastor, oferece-nos, nesta obra, refletida a partir do Evangelho de São João, um inspirado meio que privilegia as mais diversas áreas e temáticas pastorais.

Compre online em www.livrariadm.pt

